

RECREAÇÃO HOSPITALAR COMO ESTRATÉGIA PARA HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA EM SAÚDE

HOSPITAL RECREATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE HUMANIZATION PROCESS

Vitor Pachelle Lima Abreu 1

Ruhena Kelber Abrão 2

Resumo: Os ambientes hospitalares são locais compostos por diversos processos que acometem a existência de diversos pacientes, profissionais e familiares, pois tais fatores como vida, morte, esperança, fé, dor, sofrimento, angústia, traumas entre outros incidem tanto adultos quanto crianças. Na infância torna-se mais complicado o processo de adoecimento e de internação, uma vez que elas são retiradas de seus ambientes/rotinas/cotidiano que estão acostumadas, sendo uma tarefa de todos os profissionais de saúde amenizar tal sofrimento. Observa-se que a recreação hospitalar soa como uma importante ferramenta para a desmistificação do medo buscando tornar os ambientes hospitalares humanizados. A partir disso, temos como objetivo deste estudo compreender a percepção de enfermeiros em relação aos espaços de recreação e lazer hospitalar para humanização da assistência e para a recuperação das crianças hospitalizadas. A abordagem metodológica utilizada foi uma pesquisa do tipo revisão integrativa a partir das buscas nas bases de dados eletrônicas Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS, Biblioteca Virtuais – BVS, PUBMED e Scientific Electronic Library Online – SCIELO nos meses de junho e julho de 2020. Foram encontrados 835 artigos, após serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão constitui-se a amostra final em 09 artigos. De tal modo, evidencia-se que a brinquedoteca contribui para o desenvolvimento do processo de ludicidade e compõe um espaço que tem como objetivo a harmonização entre a saúde física e a mental com vistas a auxiliar o processo de cura da criança e no seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Criança. Recreação Hospitalar. Humanização.

Abstract: Hospital environments are spaces that have several elements that accompany the existence of patients, professionals and families, as such factors as life, death, hope, faith, pain, suffering, anguish, trauma, among others, affect both adults and children. In these, the process of hospitalization and illness becomes more complicated, as they are removed from their environments/routines/daily life to which they are accustomed, and it is a task of all health professionals to alleviate such suffering. It is observed that hospital recreation sounds like an important tool for demystifying fear, seeking to make hospital environments humane. In this sense, we aim to understand the importance of children's recreation spaces in the context of the humanization process. The methodological approach used was an integrative review research based on searches in electronic databases Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences – LILACS, Virtual Library – BVS, PUBMED and Scientific Electronic Library Online – SCIELO in the months of June and July 2020. 835 articles were found and after applying the inclusion and exclusion criteria, the final sample resulted in 09 articles. In this way, it is evident that the toy library contributes to the development of the playfulness process and composes a space that aims to harmonize physical and mental health with a view to assisting the child's healing process and your development.

Keywords: Child. Hospital Recreation. Humanization.

1 - Mestre em Ensino em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6172492362297224>, ORCID: 0000-0001-9065-3272. E-mail: diogobarbosa@gmail.com

2 - Doutor em Educação em Saúde, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5372413745002335>, ORCID: 0000-0002-4869-5230. E-mail: kelberabrao@uft.edu.br

Introdução

Os processos de hospitalizações podem ser caracterizados por momentos marcantes na vida de qualquer indivíduo, pois todos nós carregamos sentimentos e menções, como, por exemplo, o medo, anseios e estigmas os quais são construídos socialmente e potencializados por meio de possíveis traumas e doenças desenvolvidas ao longo da vida. Para as crianças, esse processo se torna bem mais dolorido, uma vez que há dificuldade em assimilar o que está acontecendo, por não estarem em seus ambientes de conforto ou até mesmo distante de familiares, espaços e brinquedos que já possuem um vínculo pessoal (ABRÃO, 2012, 2013, 2014).

Tais estigmas e receios podem ter sido construídos durante todo o processo de tratamento, uma vez que durante a realização de alguns procedimentos, por parte dos profissionais de saúde, ocorre dor e sofrimento, podendo estes serem decisivos para o desencadeamento de sentimentos de medo e angústia (SILVA, 2017). Observa-se que tais sentimentos podem ser amenizados por meio do lazer, nos espaços destinados à recreação hospitalar, facilitando a realização de procedimentos por meio dos profissionais de saúde que, consequentemente, irão corroborar com a evolução do quadro clínico da criança menor (SILVA E CORREA, 2010).

O lazer pode ser caracterizado pela condição ou alternativa encontrada através do meio ao qual o indivíduo está inserido, quando tratado de forma coletiva as suas particularidades e características que evidenciam a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos (SURDI & TONELLO, 2007). A brinquedoteca por ser um espaço composto por conjunto de brinquedos que traz consigo um estímulo por meio do lazer para as crianças (BRASIL, 2005).

Tais espaços soam como importantes dispositivos de contribuição para o estreitamento do vínculo das crianças com os profissionais de saúde, bem como o seu fortalecimento do quadro clínico durante o período de hospitalização. Assim, o lúdico torna-se uma importante ferramenta para minimizar a tensão provocada pelo espaço hospital, pelos profissionais e, principalmente pela patologia (CUNHA, 2008; DE BEM MACHADO, 2023).

Segundo Dias (2013), a brincadeira pode possuir um importante papel durante o processo de hospitalização por possibilitar a criança se desconectar do momento de fragilidade, insegurança e sofrimento adquiridos por conta da internação e realização de procedimentos assistenciais. Logo, favorece no processo de recuperação uma vez que será proporcionado a ela uma segurança e confiança na equipe assistencial (ARAÚJO, DA SILVA QUIXABEIRA, ABRÃO, 2022).

Em seus achados científicos Balthazar e Fischer (2006), tratam a brinquedoteca como um espaço de lazer voltado ao brincar e a brincadeira, construído por afetividades e emoções, pois o brincar traz a inclusão de diversos sujeitos, sendo eles crianças, jovens e adultos na perspectiva de formação desse indivíduo de forma lúdica. Esse processo de envolvimento de sujeitos é evidenciado pelas responsabilidades que são repassados aos envolvidos durante o processo de formação das crianças por meio do brincar, brinquedo e da brincadeira (ABRÃO, DOS SANTOS SILVA, 2024).

Porém, fazer o lúdico sem o reconhecimento da importância desses espaços no desenvolvimento infantil, pode se caracterizar um desconhecimento das possibilidades de aproveitar os espaços e momentos em sua totalidade. Para isso, os envolvidos precisam compreender “o fazer saúde” por meio do lúdico e do brincar tendo espaços destinados à formação e aperfeiçoamento desses profissionais (Da SILVA et al, 2023).

Humanizar os ambientes hospitalares significa compreender as vontades dos indivíduos envolvidos de forma holística, no qual pode haver a necessidade ou obrigatoriedade de acontecer a escuta de forma mais qualificada e compreensiva possível. Contudo é necessário o bom atendimento ao paciente independente de qualquer situação, proporcionando um atendimento que venha a suprir as necessidades do paciente fragilizado durante o processo de saúde/doença o qual está inserido (SILVA et al., 2016).

Nesse contexto, o brinquedo, brincar e o lúdico se tornam de suma importância durante a rotina na pediatria, uma vez que além de promover o cuidado humanizado, o brincar consegue de fato amenizar o sofrimento da criança hospitalizada favorecendo na recuperação hospitalar

desmistificando os medos, estigmas e traumas adquiridos ao longo do período enquanto indivíduo (FIORETI et al, 2016). A brincadeira pode ser considerada como um processo vital correlacionado com o desenvolvimento de atividades físicas evidenciado pela melhoria do bem estar físico e emocional infantil, tornando-se uma atividade e realidade inquestionável (BRITO, 2014).

Nesse contexto, a humanização irá depender exclusivamente da capacidade de articular, falar, de ouvir com os indivíduos envolvidos durante todo esse processo o qual está inserido (BUSS, 2000). Dessa forma, quando sabemos ouvir os nossos semelhantes aprendemos a trabalhar com os traços da humanização, tal conduta vem a melhorar consequentemente o ambiente trazendo benefícios que podem favorecer o estado geral do paciente e a redução gradativa do tempo de hospitalização (SILVA, 2021).

Portanto, torna-se necessário compreender a importância dos espaços de recreação e lazer hospitalar no contexto do processo de humanização, o qual é desenvolvido por profissionais, pacientes e familiares durante o período de internação das crianças hospitalizadas.

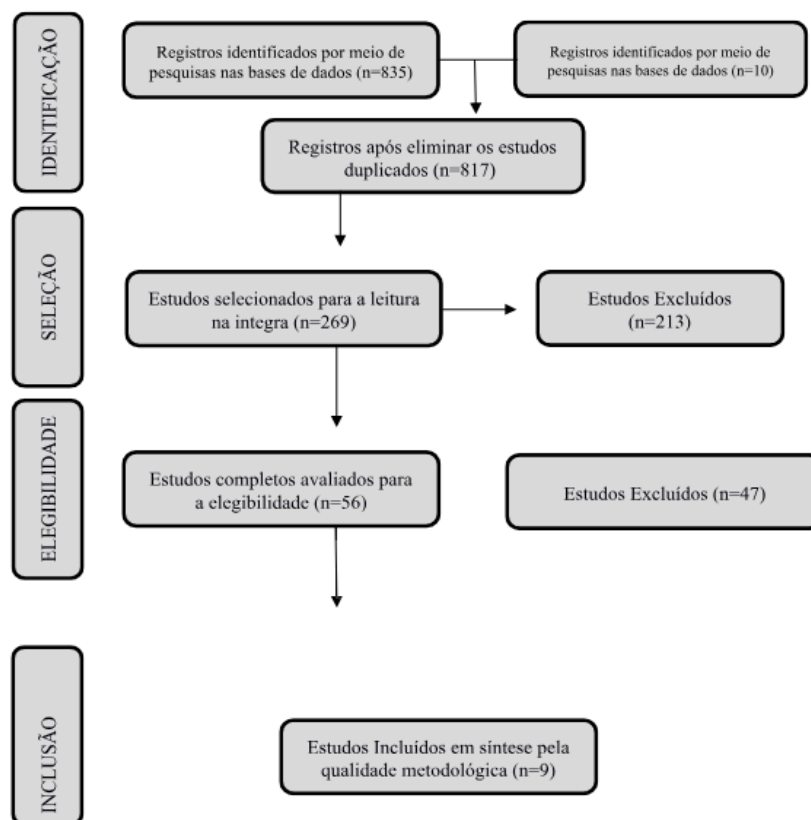
Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo bibliográfico por meio de uma revisão integrativa. Durante as atividades foram elencadas as seguintes etapas: definição do objetivo da pesquisa; coleta de dados por meio da busca nas plataformas, na literatura existente, nas bases eletrônicas, abordando o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de variáveis para encontrar a amostra bem como a apresentação de dados e resultados evidenciados. Dessa forma, estabeleceu-se a seguinte pergunta norteadora: **Qual é a importância dos espaços de recreação infantil no contexto do processo de Humanização?**

Executaram-se buscas nas bases de dados eletrônicas Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS, Biblioteca Virtuais – BVS, PUBMED e *Scientific Eletronic Library Online* – SCIELO em Junho de 2020. Deste modo foram definidos descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “criança” (child); “Jogos” (games); “hospital” (hospital); “humanização” (humanization). Ressalta-se que foram realizados cruzamentos dos DeCS utilizando-se conectores booleano “AND”, na língua inglesa para as bases PUBMED e SCIELO e na língua portuguesa para as bases da BVS e LILACS, na seguinte ordem criança AND jogos AND Hospital AND Humanização.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para a seleção criteriosa dos estudos: artigos completos, completamente disponíveis em versões gratuitas; publicados nos idiomas português, inglês e/ou espanhol; entre os anos de 2009 a 2019. Foram excluídos editoriais, os resumos, livros, capítulos de livros, teses e as dissertações. Utilizou-se como auxílio, nesta etapa específica, o fluxo de *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) conforme apresentado na figura 01.

Figura 1.



Fonte: ?

Durante as buscas, realizamos uma pré-seleção dos estudos visando estabelecer critérios minuciosos por meio das leituras dos títulos e resumos, com o intuito de identificar os artigos que apresentavam correlação com os critérios de inclusão e exclusão adotados neste estudo. Após a seleção da amostra foi realizada a leitura dos materiais na íntegra dos manuscritos selecionados.

Resultados e Discussão

A partir do levantamento de manuscritos para este estudo, nos bancos de dados *online*, foram encontrados 835 artigos. Após serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão constitui-se a amostra final em 09 artigos sendo incluídos vários estudos de estados brasileiros, bem como pesquisas de outros países. Ressalta-se que todos os estudos selecionados foram pesquisas realizadas em ambiente hospitalar, voltados à recreação hospitalar, conforme demonstrado na Tabela 1 referente a seleção amostral dos artigos.

Tabela 1. Seleção Amostral dos Artigos

BASE DE DADOS	QUANTIDADE DE ARTIGOS
SCIELO	02
PUBMED	789
BVS	27

LILACS	17
Total	835

Fonte: Autores

Tomando por base os critérios de aplicabilidade, suprimidos os de inclusão e exclusão nas bases de dados eletrônicas supracitadas, apenas 269 manuscritos se enquadraram. Logo, após leitura tanto dos resumos quanto dos *abstracts* foram identificadas as pesquisas que respondiam, a princípio, a pergunta norteadora deste estudo e que foram realizadas em ambientes hospitalares. Cabe ressaltar que os materiais duplicados foram removidos, restando, então, apenas 09 publicações para a leitura na íntegra, informados conforme a tabela 02.

Tabela 2. Seleção de artigos de acordo com a aplicabilidade dos critérios de inclusão e exclusão

BASE DE DADOS		QUANTIDADE DE ARTIGOS
SCIELO		01
PUBMED		02
BVS		04
LILACS		02
	Total	09

Fonte: Autores.

Na tabela 3 apresentamos as características dos artigos selecionados e utilizados durante a pesquisa.

Tabela 3. Características dos Artigos selecionados segundo base de dados, autores, títulos, tipo de estudo, mês e ano de publicação.

	C.R. et al.		prática lúdica de humanização para crianças hospitalizadas.	abordagem Qualitativa	
LILACS	CAIRES, ESTEVES, ALMEIDA, I.	S; C.H;	Palhaços de Hospital como estratégias de amenização da experiência de Hospitalização Infantil	Estudo de abordagem quantitativa	2014
SCIELO	PALADINO,	C. M;	Brinquedo terapêutico no preparo	Estudo de	2014
	CARVALHO, ALMEIDA, F.A.	R;	para a cirurgia: comportamentos de pré-escolares no período transoperatório.	abordagem quantitativa	
PUBMED	LIMA, K.Y.N; SANTOS, V.E.P.		O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer	Estudo de abordagem qualitativa	2015
LILACS	MELO, L.A. et al.		A brinquedoteca na assistência a crianças com câncer: a visão dos familiares.	Estudo transversal	2016
BVS	SILVA, D. O. et al.		A importância do Lúdico no contexto da Hospitalização Infantil	Revisão Integrativa	2018
BVS	SILVA, S.R.M. et		Percepção dos acompanhantes	Estudo de	2018
	al.		das crianças hospitalizadas acerca do brinquedo terapêutico	abordagem Qualitativa	

BVS	SILVA, M.K	A utilização do lúdico no cenário da Hospitalização pediátrica	Estudo de abordagem Qualitativa	2019
-----	------------	--	---------------------------------	------

Fonte: os autores.

Ao pensarmos neste tópico, tomamos como referência, as pesquisas de Abrão (2012, 2013, 2014), a qual ressaltam a “Carta da Criança Hospitalizada¹”, na cidade holandesa de Leiden, em 1988. O referido documento foi elaborado com o intuito de resumir, bem como afirmar as necessidades e os direitos das crianças hospitalizadas. Nesse sentido, Abrão (2012), contribui afirmando que.

O processo de hospitalização, normalmente, vem junto a um clima de tensão e medo, fato que acarreta outras situações desagradáveis: novos horários, exames dolorosos, distanciamento do ambiente familiar, abandono da escola e outras alterações na rotina da criança e, consequentemente, dos familiares. Para que se possam construir novas referências, toda a família, e, principalmente, a criança precisam fazer um enorme esforço na busca de mecanismos que permitam compreender esse mundo. Mudança abrupta de ambiente pode ocasionar vários distúrbios na criança como agitação, atraso no desenvolvimento, depressão, entre outros.

Assim, para minimizar os traumas da hospitalização, o ambiente não pode se limitar ao leito.

¹ A Carta da Criança Hospitalizada, adaptada em 1988 em Leiden/ Holanda é uma listagem dos direitos da criança antes, durante ou depois de um internamento hospitalar. As Anotações foram preparadas pelos autores da Carta da EACH de 1998, no âmbito da 7ª Conferência Europeia da EACH realizada em Bruxelas em dezembro de 2001. Foram adaptadas pelas 18 associações da EACH e são um suplemento útil da Carta. Leia sobre em: <https://www.pipop.info/wp-content/uploads/2018/08/annotacoes_carta_crianca_hospitalizada_2009.pdf>.

Similarmente os pensamentos do autor supracitado, Oliveira et. al., (2009), acrescentam que o procedimento de hospitalização infantil é, sem dúvida, acentuado na vida de qualquer criança, uma vez que, neste momento, ela se compreende frágil e incapaz de concretizar suas atividades normalmente, transformando a sua rotina diária, como o brincar e ir à escola, por exemplo. Logo, o conceito de infância é densamente ligado ao bem-estar, energia e alegria, o que torna mais abstrusa assimilar a doença e a hospitalização nesta fase do ciclo vital, tanto por parte da própria criança como de toda sua rede de apoio.

Diante disso, Luze Martini (2012) aborda em seu estudo que o ambiente o qual as crianças foram inseridas pode estar repleto de sensações, experiências e momentos desagradáveis, tornando-se necessário a interação entre os envolvidos, observando as possibilidades de reorganizações e reagrupamentos de significados possibilitando aos envolvidos entender o hospital como um ambiente de cuidado. Corroborando com esse entendimento, Abrão (2012); Abrão et al (2024) afirma que durante o processo de hospitalização a criança é inserida em um ambiente estranho e traz consigo medos e fragilidades, vivenciando momentos traumáticos que refletem inseguranças e que dificultam o processo de recuperação.

Nesse contexto, Faquinello (2003) evidencia que a vivência da criança durante a internação hospitalar está atrelada ao novo espaço a qual ela foi inserida, podendo vir a ser uma relação conflituosa. Tal conduta pode ocasionar a ampliação do estresse e o aumento da ansiedade, que por sua vez, podem ser acalmada somente pela presença dos pais, o qual

trazem segurança e calma.

Dessa maneira, se torna necessário desde a adoção da Carta da Criança Hospitalizada, em 1988, a compreensão do que é necessário realizar em relação às crianças e aos cuidados de saúde, bem como os direitos das mesmas em relação aos serviços de saúde. Ampliando os direitos das crianças, não restringindo apenas ao ambiente hospitalar foram abrangidos em 1989 pela Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas, ratificada por todos os governos europeus.

A partir do ponto de vista teórico de Abrão (2012, 2013), a prática de recreação hospitalar, reverbera elementos que alteram a rotina hospitalar. No entanto,

traz elementos que alteram a rotina hospitalar, proporcionando momentos de alegria àqueles envolvidos a este processo, pois através do riso, por exemplo, hormônios como cortisol e adrenalina, associados ao estresse, são liberados em menor quantidade. E se esses hormônios são liberados, de forma excessiva, a pressão arterial aumenta e, conseqüentemente, há uma baixa no sistema de defesa do indivíduo. Processo este que, muitas vezes, interfere negativamente no desenvolvimento da criança, além de contribuir para a liberdade de fantasias, expressões, fortalecendo as relações e interações tanto com os familiares quanto com os profissionais do hospital (ABRÃO, 2012, p. 45).

Essa prática de recreação hospitalar é mencionada nos apontamentos teóricos de Godoi (2008), que evidencia que precisamos ficar atentos a lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que *“dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação”*. Esta mesma lei versa em seu Artigo 2º, *“considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar”*.

Na Carta da Criança Hospitalizada em seu artigo 2.º é destacado que uma criança internada tem direito a ter os pais, e/ou seus substitutos, junto à ela, dia e noite, qualquer que seja a sua idade ou o seu estado de saúde como sendo parte integrante do tratamento da mesma no hospital. Abrão (2013), em seus achados teóricos, defende que, em se tratando de pediatria, não se deve destinar o atendimento às crianças apenas como um ser com um problema físico, mas, sim, como um indivíduo em pleno desenvolvimento. Culturalmente, fica evidenciado que o brincar é de grande relevância na formação psicológica e física da criança (TAVARES, LIMA, ABRÃO, 2023).

Do mesmo modo, Borba (2007), afirma que a brincadeira é uma palavra estritamente associada à infância e às crianças. Em harmonia com o ponto de vista supracitado, Kishimoto (2009), afirma que o brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico, pois a infância é compreendida por uma imagem inocente de conduta moral, imagem associada à natureza primitiva dos povos, um mito que representa a origem do homem e da cultura.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Resolução Nº. 41 do Ministério da Justiça e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente de Outubro de 1995, Brasil (1995) prevê em seu artigo 9 o *“direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”*. Diante da propositura da lei, Abrão (2012), destaca que,

não se pode esquecer que embora esteja doente e hospitalizada, a atividade lúdica é essencial para garantir o equilíbrio entre o intelectual e o emocional, uma vez que impossibilitada de brincar, ela tem seu desenvolvimento global afetado. Desta forma, o brincar se configura como elemento de suma importância, assim como o estudar (ABRÃO, 2012, p. 7).

Para Padovan; Schwartz (2009), a recreação, em sua vertente terapêutica ligada à área da saúde, tem de fazer jus à atenção e vem sendo avaliada em vários países, sendo tomada como foco de pesquisa em distintas áreas do conhecimento. Assim, a recreação, nessa conjuntura, tem a função de instigar a inventividade dos indivíduos, por meio de atividades de caráter espontâneo e prazeroso.

Dessa forma, ancorados no aporte teórico de Durães, Oliveira e Maia (2020), compreendemos que a assistência de enfermagem precisa-se ser prestada por meio de atendimentos com base nos cuidados integrais e humanizados para preservação e manutenção da saúde infantil, com o intuito de reduzir os danos ocasionados pela internação hospitalar. Entende-se que há uma necessidade de reconhecimento do espaço, ampliação dos laços com as crianças afim de facilitar os procedimentos de enfermagem com as crianças hospitalizadas (ABRÃO, DA SILVA QUIXABEIRA, SILVA, 2023).

Segundo Bezerra (2018), os pacientes precisam se envolver de forma significativa nos processos de aprendizagem e socialização, pois é visível a melhora no ânimo e nos sentimentos das crianças durante o período de internação. Nesse contexto, as atividades recreativas e pedagógicas se fazem de suma importância para esses sujeitos se tornarem ativos dentro desse processo, neutralizando o sofrimento tanto físico quanto emocional dos pequenos (LIMA; QUIXABEIRA; ABRÃO, 2020). Em seu estudo Veiga; Sousa; Pereira (2016) evidenciaram tal envolvimento dos pacientes relatando que este pode auxiliar as crianças na liberação de sentimentos negativos e no fortalecimento do elo entre a casa e o hospital compreendo de fato, a internação hospitalar.

Breve contexto histórico da brinquedoteca

Para descrevermos sobre a temática brinquedoteca, nos sustentamos na teórica de Kishimoto (2011) que colabora afirmando que a história da brinquedoteca teve início nos Estados Unidos da América, no qual, um dono de uma loja de brinquedos verificou que crianças estariam entrando e roubando os brinquedos da loja, pois não tinham com o que brincar. Logo em seguida, para solucionar essa problemática, foi criado um serviço de empréstimo de brinquedos que existe até hoje nos Estados Unidos da América conhecido como *Toy Loan*.

Silva (2017) descreve que no Brasil, a história das brinquedotecas teve início em 1973, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), com a implantação da Ludoteca. Na sequência, foi criada uma brinquedoteca em uma escola no bairro de Indianópolis, São Paulo (SP), com o objetivo de favorecer o brincar, onde, também, havia o empréstimo de brinquedos. Já em 1984, foi criada a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), o que impulsionou o surgimento de outras brinquedotecas no país.

Em suas pesquisas Cunha (2008), acrescenta que, em 1984, foi apresentado no III Congresso Internacional de Ludotecas, uma pesquisa sobre “brincar no hospital”, que abordava o trabalho voluntário desenvolvido pela Cruz Vermelha, no qual eram realizadas brincadeiras com as crianças. Assim as brinquedotecas hospitalares foram se disseminando com o intuito de tornar especial e divertido o tempo de hospitalização que a criança terá que enfrentar.

Ainda nos estudos do autor supracitado, a brinquedoteca hospitalar tem os seguintes objetivos:

Preservar a saúde emocional da criança, proporcionando alegria e distração através de oportunidade para brincar, jogar e encontrar parceiro; Preparar a criança para a situação nova que irá enfrentar, levando-a a familiarizar-se com roupas e instrumento cirúrgicos de brinquedo e através de situações lúdicas; Tomar conhecimento de detalhes da vida no hospital e do tratamento, que vai ser submetido; Dar continuidade à estimulação de seu desenvolvimento, pois a internação poderá privá-la de oportunidade e experiência de que necessita. Se a estada é longa, pode ser necessário um apoio pedagógico para

que a criança não fique muito defasada no processo de escolarização (CUNHA, 2001, p. 95-96).

Nesse sentido, Kishimoto (2011), certifica que existem vários locais onde se pode encontrar brinquedotecas e cita como exemplo: escolas, bairros e periferias (brinquedoteca circulante), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Clínicas, Shopping, Centros Culturais, em Bibliotecas, em Universidades, ambulatórios médicos e hospitais, todas visando o desenvolvimento global da criança. Tal afirmação compreendida e afirmada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual no seu artigo quatro afirma o direito da criança em ter lazer garantido em todos os espaços enquanto um direito constitucional (BRASIL, 1990).

Brinquedoteca hospitalar: um espaço de humanização

De acordo com as pesquisas de Silva (2017), a internação hospitalar é interpretada pela criança como uma experiência nada agradável a qual sentimentos como ansiedade, medo, estresse desconforto e, grande parte das vezes dor, se fazem presentes. Logo, a brincadeira é tida em suas pesquisas como a forma mais autêntica a qual a criança expressa suas vivências. Neste cenário, surge a brinquedoteca hospitalar que contribui de forma efetiva para minimizar a tensão emocional da criança hospitalizada (BEZERRA, 2018).

Nessa perspectiva, Luz e Martini (2012) relatam a respeito da relação dos envolvidos no processo de internação, pois estes são de suma importância para a compreensão do significado/motivo da internação, buscando diferentes maneiras e métodos para o desenvolvimento da assistência, expressando afeto e sensibilidade construindo uma nova imagem do hospital por meio do brincar e do lúdico. Destarte, o brincar facilita o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano infantil. Por meio dos jogos simbólicos, a realidade externa pode ser assimilada à realidade interna, nesse caso específico, auxiliando a criança a lidar com o seu adoecer e a hospitalização (CONCEIÇÃO, 2015).

Esta realidade é corroborada nos estudos de Cunha (2011) e Abrão (2013) quando estes afirmam que durante o processo de internação hospitalar a criança rompe a sua rotina de forma abrupta, gerando grande insegurança devido a privação de convívio familiar, deixando-a fragilizada, podendo afetar seu desenvolvimento cognitivo e psicomotor. Paralelamente Paladino et.al., (2014) também corroboram com esse entendimento e relatam que as aproximações dos profissionais com as crianças evidenciam a possibilidade da construção de um vínculo. É notório que tal conduta pode ser efetivada por meio do brincar, do lúdico e da brincadeira, a qual o profissional, dentro das possibilidades, conseguirá realizar perguntas e possibilitará indicativos de aceitação da situação o qual a criança está inserida, bem como ela passará a confiar no profissional a qual construiu vínculo (SILVA, ABRÃO, 2022; 2023).

Nesse sentido, a brinquedoteca hospitalar assim como outras brinquedotecas buscam estimular a brincadeira e, por conseguinte, o desenvolvimento da criança que brinca (CHAVES et al, 2023). Entretanto tem sua peculiaridade, uma vez que as atividades lúdicas ali realizadas têm o intuito de amenizar o sofrimento da criança hospitalizada em decorrência da fragilidade causada pela doença e pelo processo de internação (CONCEIÇÃO, 2015).

Segundo Alves et al. (2016), o contato entre criança e o brinquedo é de grande relevância para que elas se sintam confiantes, isentas de medos e sentimentos negativos, construídos durante a hospitalização que muitas vezes são traumáticas, o qual esse encontro é favorável quando se há inserção da criança no espaço da brinquedoteca, uma vez que a mesma irá se desligar do espaço hospitalar, aliviando seus medos, estigmas e alguns traumas se concentrando no mundo da brincadeira. Em seu estudo Silva (2017) afirma que o brincar, no ambiente hospitalar, proporciona a criança, a manutenção da sua autoconfiança, restabelecendo sua saúde no âmbito físico e mental, sendo que quando esta apresenta dificuldades de locomoção ou não pode sair da cama, a brinquedoteca precisa ir até ela, conforme as normativas da Lei 11.204, ou seja, o ambiente, as brincadeiras e os brinquedos são adaptados para elas, com o intento de acelerar o retorno dela para a sua casa.

A brinquedoteca auxilia no processo de recuperação infantil, pois ao mesmo tempo

em que fornece conforto, descontração e divertimento, permite a aprendizagem de forma descontraída, suavizando o estado de adoecimento. Logo, além de trazer aprendizados em momentos de lazer, proporciona bem-estar ao dar continuidade as atividades infantis, disponibilizando a interação social para novas trocas de experiências e aprendizagem, buscando assim garantir a humanização, com espaços adaptados para as crianças vivenciarem o brincar (BATISTA, 2016).

A participação dos acompanhantes nesse processo é fundamental, pois auxilia por meio das atividades na brinquedoteca, o fortalecimento de vínculos entre os envolvidos no tratamento, bem como o desenvolvimento psicológico da criança, que muitas vezes contribui para a realização dos procedimentos por parte dos profissionais (SILVA, 2018). Dessa Maneira, Pereira, et al., (2018) reafirmam que a enfermagem é a categoria que mais tem proximidade com os pacientes devendo buscar estratégias lúdicas e assistenciais por meio das atividades da brinquedoteca, o qual haverá a possibilidade de redução dos danos e anseios nos pacientes internados.

Desse modo, Silva e Correia (2010, p.41), ressaltam a relevância da brinquedoteca para ambiência hospitalar, destacando que além do brincar é relevante observar “a faixa etária e o brinquedo/brincadeira oferecido, com o objetivo de proporcionar uma assistência humanizada às crianças”. A brinquedoteca, no ambiente hospitalar, é um lugar especial e essencial, no qual deixa a criança livre para vivenciar uma das coisas que mais gostam de fazer, interpretando suas dores e desejos da melhor forma possível.

Nas pesquisas feitas por Batista (2016), é possível mencionar que no ambiente hospitalar a brinquedoteca é um espaço obrigatório que tem como um dos objetivos humanizar o tratamento das crianças, proporcionando momentos de tranquilidade para as mesmas. Soma-se a este autor, Ferreira (2014), o qual denota que o brincar fornece, além da diversão, o alívio do estresse por meio das expressões de sentimentos e emoções.

Do ponto de vista teórico de Brito e Perinotto (2014, p. 11), a brinquedoteca hospitalar oferece “alegria para a criança, estimulando sua fantasia através dos brinquedos e do brincar, proporcionando mecanismos que fazem com que elas se sintam à vontade em um ambiente diferente”. Com propósito de atender e oferecer um lugar favorável à recuperação infantil, esse espaço lúdico contribui, também, para a formação educacional da criança em novo conceito de atendimento hospitalar na pediatria (SANTOS; QUIXABEIRA; ABRÃO, 2020).

Caires, Esteves e Almeida (2014) em seu estudo observam que as ações nos serviços de pediatria amenizam a experiência no processo de hospitalização pelas crianças, reduzindo algumas sequelas emocionais causadas por tal processo, transformando os espaços e as experiências vivenciadas ou futuras trajetórias menos traumáticas e mais humanizadas. Por outro lado, Silva (2018) enfatiza a falta de qualificação dos profissionais, a falta de interesse, de tempo devido o dimensionamento da equipe, o qual pode ser considerado um fator insatisfatório durante o processo de humanização desses espaços.

As contribuições da brincadeira na recuperação hospitalar das crianças

O lúdico é referenciado como uma atividade de entretenimento que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas. Outrossim, o conceito de atividades lúdicas está relacionado com o ludismo, ou seja, atividades relacionadas com jogos e com o ato de brincar (MELO, ABREU, ABRAO, 2023). Os jogos têm importância fundamental para o desenvolvimento social, emocional e intelectual do ser humano, ao jogar é possível transpor limites, aventura-se e descobrir o próprio eu (CONCEIÇÃO, 2015).

Na contemporaneidade, o brincar é direito da criança e se encontra garantido na Constituição da República de 1988, no artigo 227, que garante: “É dever da Família, da Sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, a saúde, a alimentação, à educação, ao lazer (BRASIL, 1988)”. Diante disso, há uma necessidade de fortalecer as políticas públicas em busca de garantir o direito constitucional da criança e

do adolescente no que tange o lazer, adotando um planejamento focado na implementação de estratégias para o fortalecimento dos espaços de lazer principalmente durante o confinamento da criança no período de internação hospitalar (SANTOS; QUIXABEIRA; ABRÃO, 2020).

Nas pesquisas de Padovan; Schwartz (2009), ao se focar a atenção na criança mantida em tratamento prolongado ou em confinamento hospitalar como paciente, pode-se identificar insegurança e uma série de perdas que podem promover alterações severas nos níveis físico, psíquico e social, interferindo, inclusive, no seu processo de recuperação. Visto que ao realizar os cuidados com as crianças hospitalizadas os profissionais de saúde se deparam com uma família e paciente desestabilizados emocionalmente e, em alguns casos, até socialmente. Diante disso, espera-se que o profissional assuma o papel de estreitador do elo entre família, hospital e paciente buscando compreender o paciente de maneira holística (SANTOS et al., 2016)

De pensamento similar, Cunha (2010), afirma que a criança amplia no brinqueado todas as suas sensibilidades, pois este vai permitir a ela curiosidade e conhecimento ao mesmo tempo. Sendo assim, é por meio do brinqueado que ela faz sua incursão no mundo, trava contato com os desafios e busca, com isso, o conhecimento dos elementos. Muitas vezes, a criança é levada a destruir alguns brinquedos na busca do entendimento e conhecimento dos mesmos. Com isso, ela quebra e tenta consertar e, a partir disso, vem o descobrimento e conhecimento do seu brinquedo (CUNHA, 2011).

Por meio desse material, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto, pois ao usar o significado de separar, a criança termina criando um mundo de fantasias que de certa forma envolve seus pensamentos de maneira a contribuir com a sua recuperação hospitalar, por esta e outras razões a recreação hospitalar é relevante na recuperação de crianças (CUNHA, 2001). No estudo de Abrão (2013) durante a brincadeira as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano isentas das pressões situacionais, ainda menciona que o brincar pode funcionar como um espaço por meio do qual a criança deixa sair a sua angústia e aprende a lidar com a separação, o crescer, a autonomia e os limites.

Gesteira et al. (2014) evidenciam em suas pesquisas que as atividades lúdicas proporcionam um ambiente pediátrico menos ameaçador devido a realidade da doença o qual o paciente está inserido. Fato este que favorece o processo de enfrentamento da doença e da hospitalização pelas crianças, familiares e acompanhantes.

Silva et al (2018) afirmaram em seus achados teóricos a possibilidade de proporcionar a continuidade do desenvolvimento das crianças por meio das atividades lúdicas, promovendo o bem-estar e reduzindo outros sentimentos negativos que podem dificultar a comunicação. Assim, as utilizações de tais atividades podem trazer benefícios não somente para as crianças, bem como para os acompanhantes, proporcionando um cuidado mais humanizado voltado não somente as técnicas. Em seu estudo Abrão (2012) afirma que a criança hospitalizada provavelmente entrará, muitas vezes, em um nível de sofrimento emocional que transcenderá a patologia inicial que originou o processo de hospitalização.

Assim, por meio de uma vivacidade pendular entre o mundo real e o mundo imaginário, a criança adapta os obstáculos do adoecimento e os limites de tempo e espaço (CUNHA, 2001). O lúdico é entendido como um momento de distração, que proporciona a criança um momento de esquecimento do processo de hospitalização e do sofrimento contido nos procedimentos médicos que acabam possibilitando que a mesma seja reinserida em um espaço recreativo resgatando as brincadeiras de casa melhorando a potencialização para a recuperação e a qualidade de vida da criança (LIMA E SANTOS, 2015).

Para Melo et al (2016) há uma melhora significativa no bem-estar, na diminuição do estresse e a redução do sofrimento das crianças por meio das ações da brinquedoteca, pois após a frequência nos ambientes de recreação hospitalar há uma quebra de barreiras, medos e estigmas e a criança começa a enxergar a doença de outra maneira. Fato este que possibilita humanizar o tratamento e facilitar o processo de recuperação.

Dessa maneira, Silva (2019) ressalta a repercussão quanto à importância do lúdico, sendo considerado como primordial no processo de recuperação da criança por meio das atividades recreativas. Ainda nessa perspectiva, observa-se uma melhoria gradativa da

autoestima e da quebra de estigmas construídos pelas crianças e por seus familiares, sendo que estas atividades, muitas vezes, não são realizadas, infelizmente, por parte dos profissionais. Embora os muitos destes reconhecem a importância das práticas de recreação hospitalar para a recuperação da criança hospitalizada.

Considerações Finais

Evidencia-se que a brinquedoteca é de suma importância para desenvolvimento do processo de ludicidade com o intuito de compor um espaço que tenha como objetivo a harmonização de forma que beneficie a brincadeira para a criança, buscando o desenvolvimento e melhoria no prognóstico clínico desta, assim como a relação entre paciente, profissional e acompanhante que estão envolvidos ao processo de internação das crianças. A implementação de estratégias para o fortalecimento das ações de lazer nos ambientes hospitalares se torna indispensável durante o período de internação das crianças nas unidades de saúde, o qual favorece gradativamente o caminho da recuperação.

Profissionais e acadêmicos que desenvolvem atividades recreativas e de lazer no ambiente escolar necessitam reconhecer a importância destes locais que poderão favorecer, por meio das ações lúdicas, a possibilidade de melhora do prognóstico e desenvolvimento cognitivo e psicomotor dessas crianças, bem como no processo de humanização. A não participação dos profissionais de saúde que estão inseridos nesses ambientes hospitalares nas atividades de recreação e nas atividades lúdicas acaba dificultando o processo de criação de vínculos com as crianças hospitalizadas.

Logo, observa-se a necessidade de inclusão de metodologias e políticas que venham a fortalecer as atividades voltadas a recreação infantil tendo em vista as melhorias nas condições de atendimento no que concerne as ações assistenciais, bem como ações que venham a minimizar o sofrimento das crianças no ambiente hospitalar. O brincar, a brincadeira e o lúdico precisarão, neste momento, se tornar peças fundamentais para a transformação dos ambientes hospitalares em espaços humanizados por meio dos profissionais de saúde e acadêmicos que estarão inseridos no processo de ensino aprendizagem das crianças, acompanhantes, familiares e profissionais ressignificando as práticas de educação e saúde.

Por fim, os profissionais, gestores e acadêmicos precisam compreender a importância do momento de reflexão voltado as ações que são desenvolvidas com as crianças hospitalizadas e seus familiares, buscando contribuir de forma gradativa no processo de crescimento cognitivo e psicomotor, bem como favorecendo no seu prognóstico clínico durante o seu período de hospitalização. Assim, obteremos espaços fortalecidos, estratégias implementadas e pilares substanciados no qual o Sistema Único de Saúde preconiza no que se trata de humanização.

Referências

ABRAO, Ruhena Kelber et al. Lazer na vida dos enfermeiros: Impactos no equilíbrio entre trabalho e bem-estar. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 12, p. e11292-e11292, 2024.

ABRÃO, Ruhena Kelber; DA SILVA QUIXABEIRA, Alderise Pereira; SILVA, Ana Paula Machado. LAZER HOSPITALAR: A RELEVÂNCIA NA RECUPERAÇÃO DA CRIANÇA DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINENSE. **Revista Didática Sistemica**, v. 26, n. 1, p. 99-114, 2024.

ABRÃO, Ruhena Kelber. A política de organização das infâncias e o currículo da Educação Infantil e do primeiro ano. **Zero-a-seis**, v. 14, n. 25, p. 51-74, 2012.

ABRÃO, R. K. **Os Benefícios da recreação para a criança: A brinquedoteca hospitalar em jogo**. Fiep Bulletin - Volume 84 - Special Edition - Article II – 2014. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net>. Acesso em 25 de Agosto de 2020.

ABRÃO, R. K. Quando a alegria supera a dor: Jogos e brinquedos na recreação hospitalar. **Atos de pesquisa em educação** - PPGE/ME FURB ISSN 1809-0354

ABRÃO, R. K. Brinquedos de plantão: A recreação hospitalar na universidade federal de pelotas. **Revista Didática Sistêmica**, v. especial, n.1, p. 168-183, 2012.

ABRÃO, Ruhena Kelber; DOS SANTOS SILVA, Paula. O BRINCAR DAS CRIANÇAS. **Multidebates**, v. 8, n. 3, p. 298-309, 2024.

ALVES J.F. et al. **Promoção do Brincar: Ação de Gestão Estratégica no Enfrentamento da Hospitalização Infantil**. Minas Gerais (Esc. Saúde Pública Minas Gerais). 2016; 4(1): 89-100. Acesso: 15/08/2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sus-35351>

BALTHAZAR, M. P. N. C.; FISCHER, J. A Brinquedoteca numa visão Educacional Moderna. **Revista de Divulgação Técnico-científica do ICPG**, v.3, n.9. jul./dez. 2006.

BATISTA, M.T. **O brincar no contexto hospitalar e sua relevância na aprendizagem infantil**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (trabalho de conclusão de curso). Natal - RN, 2016.

BEZERRA, Raquel. **Projeto de lei cria programa de Pedagogia hospitalar em Aracaju**. [Entrevista concedida a] Álvaro Müller. Portal Vereador Lucas Aribé, Aracaju, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://lucasaribe.com.br/leitura/3158/equipe>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: Brasil MEC/ SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Art. 9 da

BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da república federativa do brasil. Brasília, DF: senado federal, 1988.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, Seção 1, ano 128, n. 135, p. 13563-13577, 16 jul. 1990. ISSN 1677-7042.

BRITO, L. S.; PERINOTTO, A. R. C. O brincar como promoção à saúde: a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XI, n.2, p. 291 - 315, dez. 2014.

BUSS, P. M.. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000.

CAIRES, S. et al. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 3, p. 377-386, dez.2014.

CHAVES, Natiele Lima et al. O ENSINO DE MÚSICA E A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COM A PALAVRA AS PROFESSORAS. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 13, p. 202-216, 2023.

CONCEIÇÃO, L.S. da. A influência do lúdico no cuidado e tratamento de crianças hospitalizadas. **Psicologia Portal dos Psicólogos**. ISSN 1646-6977. Material impresso 17 p. 2015.

CUNHA, N, H, S. Associação Brasileira de Brinquedotecas-ABB; In: Santos, S. M.

CUNHA, N, H, S. O significado da brinquedoteca hospitalar; In: VIEGAS, D (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedo, linguagem e alfabetização**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 3. ed. São Paulo: SP, 2001.

DA SILVA, Jordana Minozo et al. A construção do lúdico e do brincar em uma unidade pediátrica: processos pedagógicos em espaços informais. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 9, p. 289-309, 2023.

DE ARAÚJO, Bárbara Carvalho; DA SILVA QUIXABEIRA, Alderise Pereira; ABRÃO, Ruhena Kelber. CONSTRUINDO CAMINHOS PARA PRÁTICAS DE LAZER DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 11, p. 297-307, 2022.

DE BEM MACHADO, Andreia et al. políticas públicas para programas de esporte e o lazer no cenário mundial: mapeando produções para efetivação do programa rede cedes no estado do tocantins. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 9, p. 256-264, 2023.

Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. _ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

DIAS, J. de J. et al. A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.17, n.3, p. 608-619, 2013. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20130045>.

DURÃES, B. A.; OLIVEIRA, G. P.; MAIA, L. F. dos S. A atuação do enfermeiro junto ao trabalho do psicopedagogo no atendimento da criança Hospitalizada. **Revista Atenas Higeia**, Passos, MG, v.2, n.2, p. 33-38, abr:2020. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/44>. Acesso em: 11 de Junho de 2020.

FAQUINELLO, P.; HIGARASHI, I. H.; MARCON, S. S. O atendimento humanizado em unidade pediátrica: percepção do acompanhamento da criança hospitalizada. **Texto & Contexto - Enfermagem**. [online]. 2007, vol. 16, n. 4, p. 609-616.

FERREIRA, N. de melo *et al.* Projeto de intervenção: estratégias de apoio ao sofrimento psíquico de crianças que aguardam por uma cirurgia cardíaca no hospital infantil Joana de Gusmão. **Psicologia.pt**, [s. l.], 12 out. 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0365.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FIORETTI, F.C.C.F, MANZO, B.F, REGINO, A.E.F. A ludoterapia e a criança hospitalizada na perspectiva dos pais. **REME rev. min. Enferm.** 2016; (20): e974.

GESTEIRA, E. C. R. *et al.* Contos infantojuvenis: uma prática lúdica de humanização para crianças hospitalizadas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [s. l.], v. 4 p. 575-583, 2014. DOI 10.5902/2179769212071.

GODOI, A. F. de. **Hotelaria hospitalar e humanização no atendimento em hospitais**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2008.

KISHIMOTO, M. T. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12ª.ed; São Paulo: Cortez 2009.

LIMA, A. O. ; QUIXABEIRA, A. P. ; ABRÃO. K. . A brinquedoteca do hospital de referência de Miracema do Tocantins: uma análise da lei federal N 11.104 de 2005. **Multidebates**, v. 4, p. 142-156, 2020.

LIMA, K.Y.N, SANTOS, V.E.P. O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer. **Rev Gaúcha Enferm.** [periódico na internet]. 2015; v.36, n. 2. P.76-81.

LUZ, J. H. da; MARTINI, J. G. Compreendendo o significado de estar hospitalizado no cotidiano de crianças e adolescentes com doenças crônicas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 65, n. 6, p. 916-921, dez. 2012.

MACCHIAVERNI, J. A. brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.** 19(2): 306-312.2009. Material impresso 7 p.

MELO, Fernanda Rodrigues; ABREU, Vitor Pachel Lima; ABRAO, Kelber Ruhena. PEDAGOGIA HOSPITALAR E LUDICIDADE COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 17, p. 224-240, 2023.

MELO, L. D. A. et al. A brincadeira na assistência a crianças com câncer: a visão dos familiares. **Revista Ciência Plural**. v. 2, n. 3, p. 97-110, dez./2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/112225/8307>. Acesso em: 20 de Ago. 2020.

OLIVEIRA, L. D. B. GABARRA, L. M. MARCON, C. SILVA, J. L. C. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 14. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

PADOVAN, D.; SCHWARTZ, G.M. Recreação hospitalar: o papel do profissional de educação física na equipe multidisciplinar. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.1025- 1034, out. /Dez. 2009.

PALADINO, C. M.; CARVALHO, R. De; ALMEIDA, F. D. A. Brinquedo Terapêutico no preparo para a cirurgia: comportamentos de pré-escolares no período transoperatório. **Rev Esc Enferm.** USP, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 423-429, fev./2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n3/0080-6234-reeusp-48-03-423.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PEREIRA, C. R. et al. A humanização da assistência de enfermagem à criança hospitalizada: uma revisão integrativa. **Revista Intercâmbio, Montes Claros**, MG,

SANTOS, P. M. dos et al. Os cuidados de enfermagem na percepção da criança hospitalizada. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 69, n. 4, p. 646-653, jul. / ago. 2016. ISSN 1984-0446. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690405i>.

SILVA, Bruno Costa; ABRAO, Kelber Ruhena. Reflexões teóricas sobre lazer e promoção da saúde no contexto da gestão de políticas públicas. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 17, p. 214-223, 2023.

SILVA, D. F; CORRÊA, I. Reflexão sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades do brincar no ambiente hospitalar. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p. 37-42, jan./mar. 2010.

SILVA, D. O. et al. A BRINQUEDOTECA NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS COM CÂNCER: A VISÃO DOS FAMILIARES. **Revista Ciência Plural** , [s. l.], v. 2, p. 97- 110, 2016.

SILVA, D. O. et al. A importância do Lúdico no contexto da hospitalização infantil. **Revista de Enfermagem UFPE online**, Recife, v. 12, p. 3484-3491, 2018.

SILVA, S. R. de melo *et al.* Percepção dos acompanhantes das crianças hospitalizadas acerca do brinquedo terapêutico. **Revista de Enfermagem UFPE online**, Recife, v. 12 (10), p. 2703-9, 2018.

SURDI, A. C.; TONELLO, J. Lazer e saúde: algumas aproximações em direção à melhoria da qualidade de vida das Pessoas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 10, n. 2, p. 201- 228, jul./dez. 2007.

SILVA, M. K. C. D. O. et al. A utilização do lúdico no cenário da hospitalização pediátrica. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v. 13,

SILVA, M. A importância do brincar para crianças hospitalizadas e a brinquedoteca como espaço de humanização. **Revista Científica da FASETE** 2017.2. Material impresso 14 p

VEIGA, M. de A. B.; SOUSA, M. C.; PEREIRA, R. S. Enfermagem e o brinquedo terapêutico: vantagens do uso e dificuldades. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde, Salvador**, v. 3, n. 3, p. 60-66, jan./jun. 2016. ISSN 2359-4470.

SILVA, Bruno Costa; ABRÃO, Ruhena Kelber. Políticas públicas voltadas ao lazer para promoção da saúde. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 9, p. 337-351, 2022.

TAVARES, Alexandra Lima; LIMA, Luan Pereira; ABRAO, Kelber Ruhena. LAZER NO ÂMBITO ESCOLAR: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS REFERENCIAIS DO ESTADO DO TOCANTINS. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 12, p. 250-259, 2023

Recebido em 3 de fevereiro de 2025.

Aceito em 16 de setembro de 2025.